

FELIPE FERNÁNDEZ-ARMESTO

Américo

O homem que deu seu nome ao continente

Tradução

Luciano Vieira Machado



Copyright © 2007 by Felipe Fernández-Armesto

*Gráfic atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Amerigo: the man who gave his name to America

Capa

Mariana Newlands

Imagens de capa

Gravura de combate entre marinhos de Américo Vespuício e nativos do continente americano. Gravura de Américo Vespuício, navegador e explorador italiano.

© Bettmann/ Corbis (DC)/ LatinStock, s.d.

Preparação

Sérgio Marcondes

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernández-Armesto, Felipe

Américo : o homem que deu seu nome ao continente / Felipe Fernández-Armesto ; tradução Luciano Vieira Machado. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Amerigo : the man who gave his name to America

ISBN 978-85-359-1789-5

1. América – Descobrimento e exploração – Espanha 2. América – Descobrimento e exploração – Itália 3. América – Descobrimento e exploração – Portugal 4. Exploradores – América – Biografia 5. Exploradores – Espanha – Biografia 6. Exploradores – Florence (Itália) – Biografia 7. Exploradores – Portugal – Biografia 8. Florença (Itália) – Biografia 9. Vespúcio, Américo, 1451-1512 I. Título.

10-13511

CDD-970.01

Índice para catálogo sistemático:

1. América : Descobrimento e exploração : História 970.01

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio, 9

Prólogo, 15

Mapa, 21

1. O aprendizado do mago

Florença, c. 1450-91 — Lançando-se na busca por “honra e fama”, 23

2. A perspectiva do exílio

Sevilha, 1491-9 — Fazendo-se ao mar, 67

3. O observador de estrelas no mar

O Atlântico, 1499-1501 — A iniciação do explorador, 98

4. Os livros do encantador

Dentro da mente de Américo, 1500-4 — Peripécias literárias, 138

5. A prefiguração de Próspero

O Novo Mundo, 1499-1502 — Américo contempla a América, 194

6. A fase do mago

Sevilha e o mundo, 1502-2005 — Morte e fama, 236

Notas e referências, 283

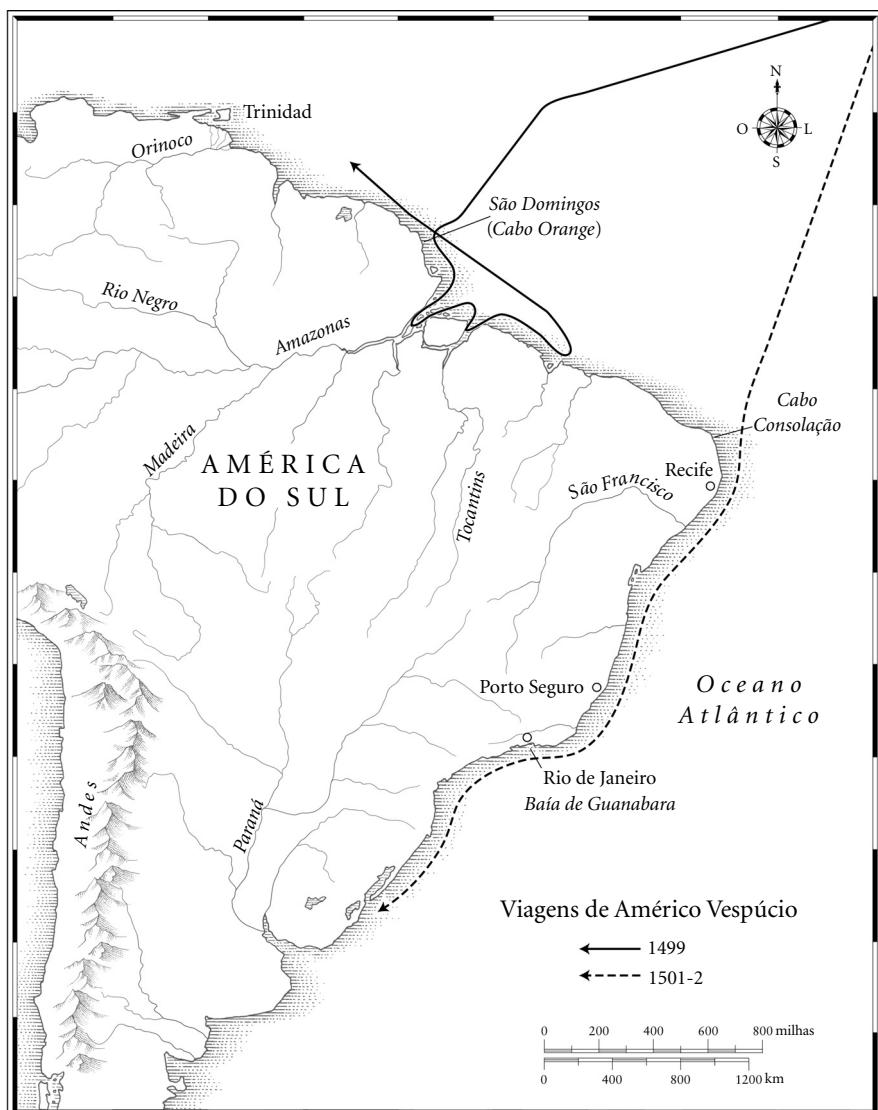
Índice remissivo, 299

*O louco, que de sabedoria e razão carece,
e também de juízo, labora em vão,
e nesta nau ajudará a içar a vela
que dia e noite lhe concentra a atenção
para, assim, em seu corpo levar o mundo inteiro,
medindo as costas de todo reino e terra,
e climas, com a bússola na mão.*

*Ele deseja saber, e encerrar em sua mente,
todas as regiões e lugares diversos
desconhecidos de toda a humanidade
e dos quais nada se saberá sem graça especial.
Mas esses loucos prazer e conforto encontram
em medir, do mundo, largura e comprimento,
e nessa vã tarefa se empenham e se concentram...*

*Porque, faz pouco, grandes terras e lugares
marinheiros e governantes astutos encontraram,
nunca dantes conhecidas ou vistas
antes de nosso tempo por nossos antepassados.
E quem sabe chegue o tempo em que outros lugares
por homens habitados nossos descendentes venham a achar,
dos quais nunca antes tenhamos ouvido falar.*

Alexander Barclay, *A nau dos insensatos* (1509)



1. O aprendizado do mago

Florença c. 1450-91

Lançando-se na busca por “honra e fama”

Heroísmo e vilania confundem-se um com o outro. Da mesma forma, o ofício de mercador e a feitiçaria. Américo Vesúcio foi ao mesmo tempo herói e vilão — mas suponho que os leitores deste livro já saibam disso. Meu objetivo é mostrar que ele foi também ao mesmo tempo comerciante e mago. Ou melhor, foi um comerciante que se tornou mago.

Este livro conta a história dessa estranha metamorfose e procura ajudar os leitores a compreenderem o que a causou. O batismo da América foi um subproduto da história: uma medida do sucesso com que Américo vendeu a própria imagem e uma consequência do caráter fascinante de sua magia. O ofício de comerciante e o de mago requerem algumas qualidades comuns: muita lábia, dedos leves como plumas, autoconfiança contagiatante. Vesúcio começou a adquirir essas qualidades na cidade em que nasceu e onde estudou. Na Florença do Renascimento, onde a vida se caracterizava por seu ritmo rápido, por seu brilho, competitividade, consumismo e violência, os talentos de prestidigitação afloravam com facilidade. E com toda razão, porque eram necessários para a sobrevivência.

A CIDADE MÁGICA

Nessa cidade de 40 mil habitantes, concentrava-se uma riqueza que rivalizava com qualquer outro local da Europa. A prosperidade florentina constituía um triunfo contra todas as probabilidades, uma resposta exemplar a um ambiente desafiador. A cidade se tornou um grande centro ribeirinho de manufaturas de lã e seda de alta qualidade, não obstante dispusesse de um rio pouco confiável, que normalmente secava no verão. Florença tornou-se um grande Estado mercantil internacional, dispondo de frotas próprias, apesar de estar localizada a oitenta quilômetros do mar, onde os inimigos tinham condições de controlar facilmente as rotas de entrada e de saída. Os florentinos do século xv orgulhavam-se de sua condição peculiar: eles tinham uma constituição republicana numa época de monarquias beligerantes. A elite compunha-se de oligarcas que não tinham vergonha de celebrar antes a nobreza da prosperidade que a do nascimento. Em Florença, um príncipe poderia ser um comerciante sem desdouro algum.

Numa época que venerava a Antiguidade, Florença não tinha nenhuma credencial histórica, mas a maioria dos florentinos alimentava sua identidade com mitos: sua cidade era irmã de Roma, fundada pelos troianos. Mais próxima da verdade era a narrativa de origem dos historiadores locais, segundo os quais Florença era uma “filha” de Roma, fundada por romanos, “feita da mesma matéria”, só que mais fiel às tradições republicanas.¹ Os florentinos afirmavam sua superioridade sobre vizinhos mais antigos, que se proclamavam mais nobres, investindo no orgulho cívico: um domo mais amplo que o de quaisquer outras catedrais das rivais, mais estatuária pública, torres mais altas, pinturas mais caras, obras de caridade mais generosas, igrejas maiores, palácios mais suntuosos, poetas mais eloquentes. Eles consideravam Pe-

trarca um dos seus, por ser filho de florentinos, ainda que ele mal tivesse visitado a cidade.

Portanto, Florença valorizava o gênio e dispunha-se a pagar por ele. Como a Atenas clássica, a Viena *fin de siècle*, a Edimburgo do Iluminismo ou a Paris dos *philosophes*, a cidade parecia produzir e alimentar gênios talentosos, e ser recompensada com a merecida fama. Em meados do século xv, à época do nascimento de Américo Vespuício, sua fase mais brilhante já tinha passado. A geração de Brunelleschi (morto em 1446), Ghiberti (morto em 1455), Fra Angelico (morto em 1455), Donatello (morto em 1466), Alberti (morto em 1472) e Michelozzo (morto em 1472) estava envelhecendo, morta ou prestes a morrer. As instituições da república tinham caído sob o controle de uma única dinastia, a dos Medici. Mas a tradição de excelência nas artes e no conhecimento continuava. O escultor Andrea del Verrocchio foi inquilino de um dos primos de Américo. Sandro Botticelli morava na casa vizinha àquela em que o navegador nasceu. Na igreja paroquial da família de Américo, Botticelli e Ghirlandaio realizavam obras. À época, Maquiavel era um desconhecido de vinte e poucos anos. Seu rival como historiador e diplomata, Francesco Guicciardini, ainda era menino. A fertilidade de Florença para gênios parecia inexaurível. À época em que Américo deixou a cidade, em 1491, Leonardo da Vinci já tinha partido para Milão, e a revolução que acabou por derrubar os Medici em 1494 ocasionou uma perda temporária de oportunidades de patrocínio. Mas as carreiras da geração seguinte — inclusive a de Michelangelo, que foi discípulo de Ghirlandaio — já haviam se iniciado.

Será que algo da grandeza que o rodeava contagiou o jovem Américo? A oportunidade com certeza estava lá. Seu tutor foi seu tio Giorgio Antonio Vespuício, um dos sábios mais bem relacionados da cidade.² Desde pelo menos meados da década de 1470, Giorgio Antonio pertencia a um grupo de estudantes e patronos

que chamavam a si mesmos a “família de Platão”. Eles mantinham uma espécie de culto à memória do filósofo, reeditando seus simpósios e mantendo uma chama sempre acesa diante de seu busto. Também participava do grupo o governante efetivo de Florença, o próprio Lourenço o Magnífico. Seu grande líder — o “pai” da “família” — era Marsilio Ficino, também sacerdote e médico dos Medici. Ele chamava Giorgio Antonio “o mais querido dos amigos” e, nas cartas que lhe dirigia, usava a linguagem do “amor divino”, que era de uso particular dos membros do círculo.³ Outros membros incluíam Luigi Pulci, à época o mais famoso poeta de Florença; Agnolo Poliziano, estudioso de destaque e versificador de mérito; Pico della Mirandola, especialista em esoterismo e até em ocultismo; e Paolo dal Pozzo Toscanelli, o geógrafo que inspirou Colombo.

Evidentemente, essa atmosfera teve alguma influência — embora leve — sobre Américo. Em seu caderno de escola, encontra-se o rascunho de uma carta contando que o estudante comprara um texto de Platão por dez florins, para dar de presente ao seu tutor; ele pede desculpas pela despesa, pois o livro valia apenas três florins.⁴ Dificilmente se pode dizer que Platão arrebatou o jovem Américo, que não tinha especial propensão ao trabalho acadêmico. E a alusão que figura no caderno pode ser um exercício de escrita mais que uma referência a um fato realmente acontecido. Seria precipitado concluir que Vespúcio alguma vez leu uma linha de Platão, mas a alusão coloca sua educação no contexto dos interesses intelectuais comuns no círculo de seu tio.

Dada a extraordinária pléiade de talentos que havia na cidade, que tanto contribuiu para a forma como posteriormente se viria a olhar e pensar o mundo, a Florença do Renascimento inspira simpatia e, além disso, uma série de ideias errôneas a quem, nos dias de hoje, a evoca. A imagem popular de Florença é a de um lugar ilustrado em que se reviveu a Antiguidade e se anteci-

pou a modernidade, de gostos clássicos, prioridades laicas, hábitos intelectuais humanistas e uma posição elevada para a ciência e a razão no sistema de valores. Mas toda geração se compra em destacar sua própria modernidade contra o fundo sombrio do passado. Nós vasculhamos o passado buscando sinais de um despertar da Europa para o progresso, a prosperidade e valores que possamos reconhecer como nossos. Assim, fazemos eco ao alvorço com que os escritores ocidentais por volta de 1500 anteciparam a aurora de uma nova idade de ouro. Em consequência disso, se você é produto da educação predominante no Ocidente, quase tudo o que algum dia pensou sobre o Renascimento é provavelmente falso.

“Ele inaugurou os tempos modernos.” *Não*: toda geração tem sua própria modernidade, que deriva de todo o passado. “Foi revolucionário.” *Não*: os estudos especializados descobriram meia dúzia de renascimentos anteriores. “Era secular” ou “era pagão.” *Não inteiramente*: a Igreja continuou sendo a patrona da maioria das artes e do conhecimento. “Era a arte pela arte.” *Não*: a arte foi manipulada por plutocratas e políticos. “Sua arte era de um realismo sem precedentes.” *Não inteiramente*: a perspectiva era uma técnica nova, mas pode-se encontrar realismo emocional e anatômico em muito da arte anterior ao Renascimento. “O Renascimento elevou o artista.” *Não*: os artistas da Idade Média podiam alcançar a santidade; em comparação, riquezas e títulos pouco valeriam. “O Renascimento destronou a escolástica e inaugurou o humanismo.” *Não*: ele surgiu a partir do “humanismo escolástico” medieval. “Ele era platonista e helenófilo.” *Não*: havia apenas fragmentos de platonismo, como houvera antes, e eram raros os estudiosos que tinham pouco mais do que meras noções de grego. “Ele redescobriu a antiguidade perdida.” *Na verdade, não*: a antiguidade nunca foi perdida, e a inspiração clássica nunca se apagou totalmente (embora tenha havido uma retomada de inte-

resse por esse campo no século xv). “O Renascimento descobriu a natureza.” *Pouco provável*: não havia pintura de paisagens puras na Europa até então, mas a natureza tornou-se objeto de culto no século XIII, quando São Francisco de Assis descobriu Deus ao ar livre. “Era científico.” *Não*: para cada cientista havia um feiticeiro.

Mesmo em Florença o Renascimento constituía o gosto de uma minoria. O desenho de Brunelleschi para as portas do Batistério — projeto que se afirma ter inaugurado o Renascimento em 1400 — foi rejeitado por ser avançado demais. Masaccio, o pintor revolucionário que introduziu a perspectiva e o realismo escultural em seu trabalho para uma capela na igreja de Santa Maria del Carmine, na década de 1430, nunca passou de mero assistente no projeto, sob a supervisão de um mestre reacionário. Os mais populares pintores italianos da época eram também os mais conservadores: Pinturicchio, Baldovinetti e Gozzoli, cujo trabalho assemelha-se às glórias dos miniaturistas medievais — brilhantes com suas lâminas de ouro e seus pigmentos cintilantes e caros. O projeto de Michelangelo para a principal praça da cidade — que envolveria o espaço com uma colunata clássica — nunca foi implementado. Muito da pretensa arte clássica que inspirou os florentinos do século xv era mera imitação: o Batistério era uma construção do século VI ou VII. A igreja de San Miniato, que os condecorados de arte confundiram com um templo romano, remonta no máximo ao século XI.

Portanto, Florença na verdade não era clássica. Alguns leitores podem pensar que isso é muito fácil de dizer. Afinal de contas, usando-se uma lógica semelhante poder-se-ia alegar que a Atenas clássica não era realmente clássica, porque a maioria das pessoas tinha outros valores. Elas adoravam os mistérios órficos, apegavam-se a mitos irracionais, condenaram ou enviaram ao ostracismo alguns de seus pensadores e escritores mais progressistas, e apoiavam instituições sociais e posições políticas semelhantes

àquelas que atualmente têm o apoio da maioria silenciosa: valores familiares austeros e rígidos. As peças de Aristófanes, com suas sátiras dos hábitos aristocráticos imorais, constituem um guia mais confiável da moralidade grega que a *Ética* de Aristóteles.⁵ Florença também tinha sua maioria silenciosa, cuja voz era ouvida, à época em que Vespúcio deixou a cidade, nos sermões tonitruantes do frade reformista Girolamo Savonarola e nos gritos horripilantes dos revolucionários de rua que suas palavras ajudaram a incitar alguns anos depois. Eles fizeram uma “fogueira de vaidades” com objetos dos Medici e baniram a sensualidade pagã do gosto clássico. Depois da revolução, mesmo Botticelli abandonou as encostas de obras eróticas e voltou à piedade no estilo antigo.

A Florença de Savonarola não era clássica, mas medieval. A cidade de Américo não era clássica, mas mágica. Uso essa palavra de forma deliberada, para indicar um lugar onde a magia era largamente praticada. Havia dois tipos de magia. Tanto quanto sabemos, Florença, como todos os outros lugares do mundo àquele época, estava repleta de fórmulas encantatórias e superstições. Três noites antes da morte de Lourenço, o Magnífico, um raio atingiu a catedral, fazendo com que pedras do famoso domo fossem se espalhar na rua. As pessoas diziam que Lourenço tinha um demônio preso em seu anel e o soltara quando sentiu-se na iminência da morte. Em 1478, quando Jacopo de Pazzi foi enforcado por ter participado de uma conspiração contra o domínio dos Medici, chuvas torrenciais ameaçaram arruinar a colheita de cereais. A sabedoria popular atribuiu a culpa a Jacopo: seu enterro em terra consagrada ofendera a Deus e perturbara a ordem natural das coisas. Ele foi desenterrado e arrastado pelas ruas, exalando um odor fétido, enquanto desordeiros atacavam seus restos, antes de os jogarem no Arno.⁶

A superstição não era apenas um erro vulgar. Havia também uma mágica instruída. A ideia de que a natureza podia ser con-

trolada pela ação humana era perfeitamente racional. Abordagens promissoras compreendiam técnicas que hoje classificamos como científicas, tais como observação, experimentação e o exercício da razão. Ainda não se comprovara que a astrologia, a alquimia, a conjuração e a feitiçaria constituíam caminhos falsos. Na lógica dos ocultistas da Florença renascentista, a diferença entre magia e ciência era bem menor do que a maioria das pessoas reconhece atualmente. Ambas são tentativas de explicar a natureza e, portanto, controlá-la. A ciência ocidental dos séculos XVI e XVII se desenvolveu, em grande medida, a partir da magia. As vocações dos cientistas sobreponham-se às dos mágicos — manipuladores de técnicas mágicas para dominar a natureza. Nos círculos frequentados pelo jovem Américo, a magia era uma paixão comum.

Uma das ideias havia muito abandonadas ou em estado de hibernação que o Renascimento recuperou foi a de que os povos antigos possuíam fórmulas mágicas que funcionavam. No Egito dos faraós, sacerdotes, supostamente, teriam dado vida a estátuas valendo-se de talismãs arcanos. Na aurora da Grécia, Orfeu tinha escrito encantamentos capazes de curar os doentes. Os antigos judeus tinham um método de manipulação de sinais — a cabala — para invocar poderes normalmente reservados a Deus. A pesquisa renascentista favoreceu essas práticas ao redescobrir supostos textos mágicos da Antiguidade, condenados como absurdos ou demoníacos pelo espírito devoto da Idade Média. Marsilio Ficino argumentou que a mágica era boa quando usada para curar ou para adquirir conhecimento da natureza. Alguns textos mágicos antigos, sustentou ele, eram leitura legítima para cristãos.

O texto mais influente de todos foi o trabalho supostamente escrito por um egípcio antigo conhecido como Hermes Trismegisto, embora na verdade tenha sido escrito por um falsário bizantino não identificado. O texto chegou a Florença por volta de 1460, num lote de livros comprados na Macedônia para a bibli-

teca dos Medici, e causou grande sensação; o tradutor, que era um devoto de Platão, deu-lhe prioridade em relação ao trabalho de tradução das obras do filósofo.⁷ Os magos do Renascimento sentiram-se motivados a ir em busca da “sabedoria” egípcia, como alternativa ao racionalismo austero do conhecimento clássico — uma fonte de conhecimento mais antiga e mais pura do que a grega ou a romana. A distinção entre magia e ciência, entendidas como meios de controlar a natureza, praticamente se apagou sob a influência de Hermes.

Além da astrologia (ou em substituição a ela) os magos florentinos acreditavam e praticavam mágica astral, uma tentativa de controlar as estrelas e portanto manipular as influências astrológicas. Eles também passaram a praticar a alquimia e a magia com números. Pico della Mirandola acrescentou técnicas baseadas na cabala, invocando o poder divino por meio de encantamentos numéricos. Astrologia e astronomia eram disciplinas inseparáveis, normalmente confundidas. Quando Pico voltou-se contra a astrologia em 1495, teve de começar por apontar as diferenças entre “a interpretação dos acontecimentos futuros a partir das estrelas” e a “medição matemática dos tamanhos e movimentos das estrelas”.⁸ As cartas a Lorenzo di Pierfrancesco de Medici, colega de escola de Américo e seu futuro mecenas, estão cheias de imagens estelares. Ficino lhe escrevia cartas com declarações de amor repassadas de um sentimentalismo característico e ligeiramente homoerótico, cheias de alusões ao horóscopo do jovem. “Para quem quer que contemple o céu, nada em que fixe o olhar lhe parece desmesurado, exceto o próprio céu.”⁹

Em seguida Ficino escreveu uma carta sobre o mesmo assunto a Giorgio Antonio Vespucci, instando-o a explicar que a influência das estrelas ocorre ao mesmo tempo que o livre-arbítrio — “as estrelas dentro de nós”.¹⁰ Um astrolábio, instrumento que Américo mais tarde viria a usar, ou pelo menos empunhar, na

qualidade de navegador, figura em segundo plano numa pintura de Santo Agostinho encomendada a Botticelli por Giorgio Antonio.¹¹ Paolo dal Pozzo Toscanelli, que teve influência sobre as concepções geográficas de Vespuílio, acreditava em astrologia.¹² O estudo dos segredos do mundo, da ordem matemática do universo, da relação entre a Terra e as estrelas: essa era a base comum da cosmografia e da magia. O jovem Américo Vespuílio estava rodeado de pensamentos e da prática mágicos. A educação de Américo correspondeu, em certo sentido, à formação de um mago.

O próprio Lourenço, o Magnífico — o governante *de facto* de Florença entre 1469 e 1492, ano de sua morte — era um dos seguidores de Hermes Trismegisto. Lourenço traduziu para o italiano dois hinos panteísticos de Hermes.¹³ Os Medici eram particularmente sensíveis às pretensões esotéricas dos sábios por eles patrocinados, pois a família se identificava com os magos dos Evangelhos. Eles pertenciam à irmandade de Florença que se dedicava ao culto dos reis astrólogos que seguiram a estrela de Cristo até Belém. Benozzo Gozzoli e Fra Angelico pintaram membros destacados da família encarnando os reis magos. A primeira dessas pinturas cobria as paredes da pequena capela privada do palácio dos Medici; a segunda ficava no quarto de Lourenço. Quando ele morreu, a Confraria dos Magos encarregou-se da organização de suas pompas fúnebres.

A FAMÍLIA PEGAJOSA

A família de Vespuílio pertenceu, durante todo o período da infância e adolescência do futuro navegador, à clientela de Lourenço, o Magnífico. A relação com os Medici era crucial, porque embora Florença seja um labirinto de ruas aparentemente bem unidas, no século xv a topografia confusa encerrava bairros rivais